TECELENDO: UM CAMINHAR DA PRÁTICA DOCENTE EM UM PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSOR NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR

ÍriaVannuci Barbosa da Silva, UFRB
Prof. Msc. Andreia Barbosa dos Santos, UFRB

RESUMO: Esta reflexão trata de desafios da prática docente como constituintes do processo de formação de professor. É parte constitutiva de pesquisa em andamento acerca das contribuições da extensão na formação docente. Este artigo apresenta aspectos que constituíram a prática pedagógica desenvolvida com o Grupo de Estudos Preparatório para o ENEM (GEPE), durante o ano 2012 no projeto de extensão Tecelendo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Os principais desafios no trabalho em questão perpassaram pela formação de professores que: 1) efetivamente assumam a reflexão da sua prática docente para qualificar o processo de ensino e aprendizagem; 2) extrapolem a dimensão individualista dos processos educativos e assumam o Conhecimento em sua dimensão coletiva e 3) a construção de metodologias que superem o modelo bancário de educação. A centralidade metodológica do trabalho é na perspectiva da reflexão-ação-reflexão. O referencial teórico perpassa os estudos de Paulo Freire e Edgar Morin.

Palavras chaves: Prática Docente, Formação de Professor, Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta algumas reflexões do trabalho realizado no período de janeiro a dezembro de 2012 no Projeto de Extensão Tecelendo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB no município de Amargosa/Ba. Os sujeitos desta reflexão são docentes e discentes de licenciaturas da UFRB, bem como moradores das comunidades rurais e urbanas que constituem o trabalho com o Grupo de Estudo Preparatório para o ENEM (Enxame Nacional do Ensino Médio) – GEPE.

Esta reflexão é parte constitutiva de trabalho de pesquisa acerca das contribuições da extensão na formação docente. Este trabalho é orientado pela docente Andreia B. dos Santos e tem como objetivo central lançar olhares sobre as contribuições da extensão universitária na reestruturação da formação de professores na perspectiva da Educação Popular. A pesquisa está em andamento e é vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba.

O Tecelendo surgiu em 2009 enquanto projeto de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em Amargosa. Partimos da organização de espaços educativos voltados a jovens, adultos e idosos assumindo a tecelagem enquanto trabalho, elemento educativo e mediador no processo de alfabetização.

Atualmente o Tecelendo é um Programa e tem como objetivo central realizar atividades que contribuam com os processos de alfabetização, letramento e formação de educadores da Educação de Jovens, Adultos e Idosos na perspectiva da Educação Popular. Realiza as seguintes ações no município de Amargosa: 1) Formação de educadores; 2) Organização de atividades voltadas à Alfabetização e Letramento; 3) Grupo de Estudos Preparatórios para o ENEM.

O Tecelendo ampara suas ações e reflexões na perspectiva da Teoria da Complexidade de Edgard Morin, no conceito de Multirreferencialidade de João Batista Martins, na concepção de Educação Popular de Paulo Freire, João Francisco de Souza e Carlos Rodrigues Brandão e ainda na dimensão da educação enquanto experiência definida por Jorge Larossa Bondía.

A partir das experiências cotidianas, dos diálogos com os envolvidos no trabalho, dos limites e das potencialidades, o Tecelendo vive um movimento de consolidação e ampliação

de ações. A presente reflexão tratará do processo educativo no GEPE no ano de 2012 e os desafios da construção da prática docente em processo de formação inicial neste grupo.

METODOLOGIA

O GEPE foi criado no ano de 2010 a partir do interesse de jovens de comunidades rurais e urbanas do município de Amargosa que demonstraram o desejo de se dedicarem ao estudo para ingressar na universidade através do ENEM. O Objetivo central era o de contribuir na organização de grupos de estudos que pudessem auxiliar os jovens em suas principais dificuldades no ENEM.

A partir dos princípios do Tecelendo, aceitamos o desafio e destacamos como uma das metas centrais a concretização de um trabalho que fugisse do modelo do "cursinho pré-vestibular". Parar para pensar sobre isso foi essencial. Por que, naquele momento, enquanto educadores em formação assumimos a responsabilidade de produzir “o pensar certo”, como destaca Freire (1996).

Esta foi uma importante reflexão, pois, a proposta de educação do Tecelendo se baseia na perspectiva da educação popular. Como destaca Freire (2003) e Brandão (1983), esta concepção não se resume a uma metodologia de educação para classes populares ou a utilização de técnicas participativas. Para, além disso, é um movimento de educação que tem como principais vertentes a emancipação, o empoderamento, a autonomia, a transformação e a apropriação dos sujeitos no que se refere a realidade em que vivem e as dimensões da vida social, política, pessoal, comunitária, ambiental e ética.

A educação popular se caracteriza, entre outras coisas, pelo processo educativo formativo marcado pelo compromisso com a transformação social e o fortalecimento da coletividade e pode ser considerada como um processo/movimento político pedagógico da educação de contraponto a ideologia neoliberal da educação do sistema capitalista.

Entre outros aspectos, a educação popular, emprega a interdisciplinaridade e a contextualização do conhecimento entendendo que a produção deste, não acontece de maneira fragmentada ou à parte das relações construídas entre os sujeitos. Todavia, foi também necessário compreender que nos processos educativos os aspectos humanos não devem ser desconsiderados.

Este movimento nos chamou a atenção para o que Morin (2007) destacou como sendo um dos setes saberes necessários à educação do futuro que diz respeito ao fato de não se ensinar as condições para um conhecimento pertinente. De acordo com Morin (2007),

> (...) o segundo buraco negro é que não ensinamos as condições de um *conhecimento pertinente*, isto é, de um conhecimento que não mutila o seu objeto. Nós seguimos, em primeiro lugar, um mundo formado pelo ensino disciplinar. É evidente que as disciplinas de toda ordem ajudaram o avanço do conhecimento e são insubstituíveis. O que existe entre as disciplinas é invisível e as conexões entre elas também são invisíveis. Mas isto nãosignifica que seja necessário conhecer somente uma parte da realidade. É preciso ter uma visão capaz de situar o conjunto. É necessário dizer que não é a quantidade de informações, nem a sofisticação em Matemática que podem dar sozinhas um conhecimento pertinente, mas sim a capacidade de colocar o conhecimento no contexto".

Ao destacar que as disciplinas ajudaram o avanço do conhecimento, mas é preciso visualizar o conjunto para configurar-se como conhecimento pertinente, ou seja, como um conhecimento conectado e não isolado do contexto, o autor chama a atenção para os aspectos humanos que são desconsiderados durante a produção de conhecimento.

Estas foram importantes considerações, pois, vivenciamos e continuamos vivenciando no processo de ensino escolar, uma educação fragmentada, desvinculada do todo, afastada da vida das pessoas como se os aspectos humanos, a paixão, o medo, o desejo, a alegria, as tristezas, os sentimentos, enfrentamentos e limites não estivessem presentes no processo educativo. O autor afirma que isso, de fato, impede a nossa capacidade natural de contextualizar.

No GEPE passamos a mobilizar estudantes das diversas licenciaturas do Centro de Formação de Professores (CFP) da UFRB e procuramos nos debruçar nos estudos para organizar uma ação metodológica que contemplasse os anseios do público alvo, sem reproduzir o modelo de educação conteudista.

Esse grupo, em assembleia, se autodenominou, inicialmente, de "Rumo ao Futuro" e, em um segundo momento, foi decidido pela atual nomenclatura "Grupo de Estudos Preparatórios para o ENEM - GEPE".

Os primeiros anos de existência do GEPE (2010 à 2011) foram marcados pelo desafio de compreender os anseios do público alvo, diagnosticar suas principais dificuldades e criar uma identidade coletiva e solidária.

A partir de 2012 com o ingresso de novos discentes dos cursos de Licenciaturas do CFP/UFRB, a coordenação do Tecelendo tencionou o grupo a pensar e sistematizar a reelaboração da metodologia de trabalho com o GEPE. De um total de 18 educadores em processo de formação, 8 eram iniciantes no Tecelendo e 10 educadores eram veteranos. Os educadores provinham de cursos de licenciatura em Matemática, Pedagogia, Filosofia, Física e 2 eram educadores populares. Esse perfil foi relevante para as discussões da construção metodológica do GEPE.

Em relação aos Grupos de Estudos, foram formados dois com 15 estudantes em cada com idade entre 19 e 36 anos, que concluíram o ensino médio em escola pública. Os mesmos provinham principalmente das comunidades rurais e urbano-periféricas. As principais dificuldades dos mesmos diziam respeito à leitura e escrita. Muitos estavam em nível de analfabetismo funcional e com grandes limitações nos conteúdos das ciências naturais e exatas.

As discussões sobre a metodologia de trabalho com este grupo, considerando o fortalecimento de sua característica de grupo de estudo, assumiu como principal objetivo o Conhecimento de maneira contextualizada e não mais separado por disciplinas isoladas, desconectadas, “cada um em sua caixinha”.

Para isto foi importante aprofundar a reflexão acerca da prática docente enquanto um desafio a ser concretizado sobre os alicerces do Movimento e do Diálogo. Tais aspectos envolveram a criticidade, a reflexão das ações, o comprometimento com o educando, sua história, seu saber, a educação enquanto ato político, a responsabilidade social e o compromisso individual e coletivo, entendendo que nossa prática educativa tem uma direção, uma intencionalidade pautada na dignidade humana, na autonomia e identidade do educando, respeitando, sobretudo, sua existência e suas expectativas. Como isso aconteceu?

Primeiramente, entendemos que este exercício não seria fácil, pois, enquanto educador em formação era possível percebermos vícios da profissão docente que insistem em reproduzir costumes da educação bancária.

De acordo com Freire (1996) “este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser aprendido por nós, educadores e pelos

educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado e vivido". (p. 26)

Daí, um dos primeiros desafios enquanto educadores do Tecelendo: compreender que estávamos inseridos em um processo de educação onde este saber é considerado como o primeiro saber necessário à prática educativa e fundamental para "o pensar certo". Como destaca Freire, (1996) isso exige "uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos". Deslocarmo-nos da posição de uma concepção bancária de educação para uma emancipadora, acaba por ser difícil e penoso, pois é também lidar com limites individuais e, sobretudo, com a tendência da incoerência do modelo no qual temos sido formados.

Foi, portanto, necessário entre outras coisas, ter consciência "de que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender". De certo, "ensinar inexiste sem aprender e vice-versa", como afirma Freire (1996). Todavia, sem desaperceber em momento algum que enquanto educadores nossa função é ensinar. E este ensinar exige uma reflexão crítica e permanente sobre a prática docente.

> A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 1996, p. 17- 18).

Neste processo de reflexão crítica percebemos que em nossa prática no GEPE em 2012, estávamos cada vez mais próximos do ensino fragmentado e disposto em disciplinas com seus conteúdos bem específicos e com a forte tendência da exposição oral dos conteúdos.

Nesse sentido, os conflitos advindos dessa contradição entre os princípios do Tecelendo e o que efetivamente estávamos concretizando na prática nos impulsionaram para um aprofundamento dos estudos teóricos e uma busca cada vez maior por concretizarmos um movimento de pensar coletivo. Com isso resgatamos uma importante estratégia metodológica do início da proposta: a organização dos conteúdos programáticos a partir de temáticas

geradoras que orientavam o desenvolvimento de práticas educativas. A partir dessa retomada o grupo se volta para a reflexão do como trabalhá-las contextualizadas e conectadas entre si.

Naquela ocasião, consideramos a partir dos princípios do ENEM, temáticas geradoras a serem aprofundadas no grupo. Estas por sua vez englobaram as discussões acerca do meio ambiente; da sexualidade; das principais guerras; as políticas de juventude; os grandes líderes mundiais; os direitos humanos; as mídias e a globalização; a saúde do corpo e da mente.

Com isso, o coletivo de educadores partiu, então, para tentar concretizar o trabalho dessas temáticas em conjunto. Os planejamentos passaram a ser norteados pela questão da interdisciplinaridade e pelo pensar coletivo do grupo. Assim como, os planos de aula também deixaram de ser individuais, elaborados por cada disciplina isoladamente.

Os instrumentos de avaliação e acompanhamento do trabalho foram os roteiros de registros de encontros e o caderno de campo. Esse material foi colocado com um norteador para a reflexão coletiva.

RESULTADOS

No período de 2010 à 2013, o GEPE mobilizou cerca de 150 pessoas na faixa etária entre 17 e 50 anos interessadas em ingressar na Universidade. Além desses passaram pelo GEPE 18 em processo de formação, sendo deles 10 veteranos e 8 iniciantes no Tecelendo. Com essa mobilização e o desafio de não reproduzir metodologias conteudistas, todos que ingressaram no grupo (educadores e educandos) precisaram ressignificar conceitos, tais como, o de sociedade, educação, universidade, conhecimento, trabalho, cidadania, entre outros.

Os resultados desse processo ainda são incipientes, mas trazem indícios de que o movimento caminha na perspectiva da radicalidade e da busca de inovação na área da educação. Entre estes indícios está o movimento de sair da dimensão individual e trabalhar de maneira contextualizada e conectada.

Isso implicou em esforços individuais e coletivos para romper com o hábito dos educadores de fazer suas atividades, isoladamente. Exigiu pensar, elaborar e desenvolver ações coletivas. Isso aconteceu durante o grupo de estudo dos educadores; com a elaboração dos planos de aulas; com os planejamentos e até mesmo na realização de aulas conjuntas.

Este momento envolveu discussões sobre o desenvolvimento do planejamento interdisciplinar entre os educadores das disciplinas de biologia, química, física, matemática, português, redação, história e geografia. Nesta ocasião foi avaliado que tal planejamento foi desenvolvido de maneira objetiva e participativa.

O desempenho nas atividades foi satisfatório para educadores e educandos no sentido de promover um dialógico entre as disciplinas especialmente durante os estudos e os planejamentos, sendo possível identificar as interações e relações que os estudantes estavam fazendo em sala de aula.

Os educadores conseguiram pensar coletivamente em estratégias metodológicas visando ampliar a participação dos estudantes nas discussões, reflexões e estudos promovidos a partir dos conteúdos programados e das abordagens relacionadas a temáticas recorrentes no cotidiano e na dinâmica da nossa sociedade.

Outros resultados se referem ao questionamento sobre que tipo de participação os estudantes tinham neste processo de ensino e sobre a avaliação deste e da aprendizagem sob a lógica do pensar as relações e interações do processo educativo no GEPE.

Esse movimento foi decisivo para a construção de um novo planejamento no ano de 2013 e que trataremos em um próximo momento reflexivo. O que podemos destacar por hora é que ele será a tentativa de uma continuidade do trabalho iniciado em 2012 buscando potencializar os elementos centrais já aqui destacados.

CONCLUSÃO

Esta reflexão buscou tratar de desafios da prática docente como constituintes do processo de formação de professor. Buscamos fazer uma reflexão dos elementos que constituíram a prática pedagógica desenvolvida com o GEPE durante o ano 2012 no projeto de extensão Tecelendo da UFRB.

O que percebemos inicialmente foi que os esforços que fizemos para pensar coletivamente estratégias metodológicas visando ampliar a participação dos estudantes nas discussões, reflexões e estudos promovidos a partir dos conteúdos programados foram fundamentais neste processo.

Foi importante primar pela realização de um processo educativo não apenas de aquisição de conhecimentos para uma formação profissional, mas, de valorização de saberes, de estreitamento entre a ação, o pensamento e o sentimento, ou seja, entre o sentir, o pensar e o agir no movimento de ressignificação dos sujeitos enquanto partícipes desta caminhada.

O exercício de pensar, ler, refletir, escrever e discutir sobre as relações no processo educativo e como estas refletiam a realidade em que estávamos inseridos foi importante para entender a educação como prática eminentemente humana que pode constituir-se como instrumento de formação e transformação de pessoas e, portanto, ensinar é uma forma de intervenção no mundo, assim como destaca Freire (1996).

Neste sentido, o trabalho desenvolvido com o GEPE caminhou na direção da educação como instrumento de emancipação do ser humano enquanto sujeito político em um processo de formação permanente que não é apenas do professor, do educando ou da pessoa, mas, sobretudo, é um processo permanente de formação de vida e para a vida.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorje Larossa. **Experiência e Alteridade em Educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é participação.** Brasiliense. São Paulo, 1983, p. 88.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular?** http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/o_que_ed_popular.pdf. acesso em 01/03/2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra – Coleção Leitura. (1996).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6 edição. São Paulo:Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando:** conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Para chegarmos lá juntos e em tempo**: caminhos e significados da educação popular em diferentes contextos. s/d.

MARTINS, João Batista. **Contribuições epistemológicas para a abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educativos**. Revista Brasileira de Educação. Maio /Jun /Jul /Ago 2004 No. 26. http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a06.pdf

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Cortez, 2007.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In SCHNITMAN, Dora Fried (org.) **Novos paradigmas, cultura e subjetividade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, 2004.